

O PÃO

Da Padaria Espiritual

Gerente
José Carvalho

Director
Antonia Bullea

Secretario
Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Portaleza, 31 de Outubro de 1896.

NUM. 36

EXPEDIENTE

“O Pão”

Revista de Litteratura e Arte.
Publica-se duas vezes por mez.

ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por um semestre	5\$000
Numero avulso	85\$00

Se se accitam pedidos de assignaturas para fóra desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado.

Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente, rua do Major Facundo n. 4.

SUMMARIO: Os Quinze dias. Alcino Bandolim: — *Mlle* ... J. C.: — *Esboços*. M.: — *Do joelhos*. Avellar Filho: — *O retrato*. Cabral de Alencar: — *A lua*. Antonio Salles: — *Bibliographia*. M. J.: — *Vista nova*. Anna Nogueira Baptista: — *Archivo*. *Canção* popular. *Carteira*.

OS QUINZE DIAS

Fui concitado pelo homem que muito bem dirige os negocios desta redacção escrever a chronica deste numero. E quando se diz concitado aqui em casa esse termo tem o mesmo valor do *ordinari*: *marché* de quem tem uma pare de galões em cada braço para ser obedecido incontinenti.

E puz-me a pensar que escreveria com melhor disposição que não possio e não possuirei nunca em ma hora o digo. — si era lugar de fazel-o nesta banca feita de um caixão de pinho e agarrada á parede por enormes pregos, fosse em uma secretaria-ministro. — papel bom, penna boa (esta com que escrevo parvo que só tem uma banda ou coisa que o valha) tinta Sandinha em tinteiro rico, e em frente, livros com encadernação luxuosa, dorcos vermelhos e azues.

Para burlar uma hõe prosa, nada é tão bom como ver-se livros bons e bem encadernados. Vê-se o dorso de *Mme. Bocary* inspira-nos logo uma vontade de fazer prosa com forma de ser meticuloso, ele-

gante, finissimo, superior: vê-se o dorso de um livro de Renan e esse superno espirito de França força a se concluir períodos com estylo e o senso melhor possível, desdohrando pelas linhas do papel coisas ditas com alma, verdade e originalidade na critica e nos factos.

E si se nos depara um livro de Bourget iria á lembrança do escriptor de uma chronica a idea de principal-a de luvas de pellica, de casaca e peito frocado, alvissimo, como se fosse levando uma mulher bonita pelo braço a um baile da alta elegancia. Devera ser de muito bom effeito. Os periodos seriam feitos com fina arte aristocratica e o assumpto viria tambem de sitios aristocraticos.

Por exemplo, cahiria do bico da penna de ouro em caneta de ouro e marfim a visita dos Czares de todas as Russias, essa visita que tanto tem preo rupado o espirito do bom povo da Europa. Uma noticia que li da o caso que 40 mil pessoas vagam pelas ruas da capital franceza como bons hohemios de Murger. E é certo alias que muitos desse elevado numero de vagabundos por causa das queridas magestades, muitos devem ser da qualidade de gente que usa pellica na mão e dinheiro na carteira.

Mas nem por isto hão de se apertar. Não prohibirá a policia a que muitos durmam nos bancos dos fresquissimos jardins de Luxemburgo. Eu não tenho dormido tanto ao léo e não tenho casa de meus paes, que fazem questão para eu não dormir na rua e até passam de fazer questão a ameaças de cargas de cacete? Assim os que de longinquas terras em comboios, a pé, e por mar fizeram viagem para ver: se o fizar fêm boa ph/sionomia, si é bonito ou feio, magro ou gordo e si com effeito é muito amiguinho da *Franchillonette*.

Ah! si eu fosse um homem que tivesse um luxuoso gabinete, então teria avultado numero de revistas, de jornaes francezes, e em primeira mão, teria as opiniões e as caricaturas dos potentados da Russia. Não sendo assim, tenho que esperar pelas noticias que a nossa imprensa achar que são boas de transcrever.

Porque as que ella julgar subversivas continuarão no mesmo lugar e não sofrerão o corte certo de uma thesoura habituada as innocentes noticias de sensação as noticias de donzellas mortas pelo ilemonio do cueme, envenenadas, afogadas, raptadas etc.

Mas cheirando a rebellião dormirão o seu somno bem descançado.

E faz muito bem quem assim faz

A's vezes esses pruridos de desordem, são coisas de quem tem o espirito desequilibrado, o estomago vazio e vasças tambem as algeibras...

Faz muito bem, faz muito bem. O jornal foi feito para as noticias moderadas, para trazer a gente da terra em dia com o que se passa pelo mundo em fóra, mas tudo moderado inclusive tambem casos apaixonados de donzellas de-generadas.

Foi feito o jornal para noticiar o apparecimento de livros importantes, serios, de valor intrinseco como os que sahem da penna adamantina de Oscar Leal.

Si eu fosse rico, teria ao ines serviço particular um reporter secreto, que entrasse despercebidamente por toda a parte, fizesse falar os manda-chuvas, sondasse as multidões, vascolejasse as almas e com a gazua da insinuação abrisse a caixa de segredos das consciencias para informar sobre o Universo e o seu irrequieto conteúdo humano.

E seria boa uma vida assim, passada num gabinete com janellas amplas rindo para sitios bastos de arvores verdes, abrindo para um jardim de feilto inglez, cheio de perfumes capitosos e da alegria san das rosas cheias de vida e de lagrimas... de orvalho.

Com uma espátula dengosa de madreperola e ouro lavrado cortaria as folhas do livro do dia. E longidamente iria cortando as folhas dos *Primas*, livro que dizem, contem coisas tratada em lious versos. Isto disseram-me. Não tive a honra de ver um exempliar. Falha me infelizmente mais este assumpto para com elle, fechar com chave de ouro estes mal alirrhavados *Quinze dias* que em ma hora fui concitado a escrever. Mas em outra não cairer mais, tenham certeza disso. Salvo, si um sorriso da Fortuna me atirasse ás ventas com algumas centenas de contos para eu comprar um invejavel palacete e ter o meu gabinete cheio de cadeiras estofadas, toalho como espelho, cadeiras de emballo macias, e uma secretaria-ministro, com bom papel, com pennas de fino aço, canetas caras e umas estantes pejudas de livros immortaes e aque ali, pelas paredes quadros sumptuosos de amores de tragedia.

Mas não! Si eu fosse rico teria a escripto chronicas em lugar de leit-as de Henry Lapauze, Charles Bunt, de Olavo Bilac, de Ferreira de Araujo.

O que perdem os leitores em eu não ser rico!

M. lie ***

Não ha mulher tão formosa,
Que tanta doçura encarne,
Que encerre tanto deléite:

O corpo é feito de carne,
O sangue feito de rosa,
E a branca pelle de leite!

D' sua altiva belleza,
A vel-a ufana, orgulhosa,
Eu pergunto á Natureza,
Porque foi tão caprichosa?

Porque juntou graça tanta
A desdeuzado sen'clande?
E deu na alama do sulto
Ao corpo de uma br'chante?

J. C.

✻

Esboços

(Em vista do original)

I

MAÇADO DE ASSIS

Trigueiro, magro e já bastante grisalho. Gestos nervosos mas cortezes. Mais baixo do que alto. Dicação mais pejante: a denotar talvez uma gagueira infantil não completamente corrigida.

Pegaram-lhe as dragagens do Mestre, a despeito das tentativas que tem feito Sylvio Romero para arrancar-lhas.

Nós outros, *os rapazes*, achamos que lhe vão muito bem.

Parece entretanto que ellas lhe pesam, e os mollos esquivos do Mestre como que têm por fim occultal-as, o que não é possível de pois que publicou *Quincas Borba e Braz Cubas*.

Danais, quem lhe manda escrever a lingua portugueza melhor do que toda a gente em nosso paiz?

Sylvio Romero não conseguirá perante a actual geração dar maior brilho aos seus aperitos de crítico em chefe, procura-lo murear os de estylista e a chefe, que os demais criticos e estylistas a Michelli de Assis.

A opinião publica fez com e com esses criticos, e hoje o modesto e tenaz escriptor, que nunca se deixou pular nas malhas da popularidade barata, constitue uma figura á parte, a emergir com um forte e nobre relevo da ruinarina precoce e lamentavel das nossas letras.

II

JOAQUIM NABUCO

Levado por um amigo bondoso, subi as escadas do seu escriptorio de advogado, na travessa do Ouvidor.

Elle levantou-se para receber-me, e eu me senti me-quinho com a uma

formiga diante daquello gigante ri-sosinho e vermelho, com um busto bigode já um tanto cinzento do pó dos annos.

Quando o gigante começou a falar, foi que eu entrei a comprehender o esplendor das suas victorias tribunicias.

Aquella garganta, dadas as modificações que lhe trazem o sexo e o uso, deve ser feita de estoffa igual a das gargantas da Patii, ou da Sarah.

A sua voz de uma sonoridade crystallina e suave, servida pela caixa acustica de um thorax amplo e sólido, tem uma deliciosa vibração de clarins vólta los pela distancia.

E foi esse clarim que levou as hostes abolicionistas tantas vezes ao campo da lucta contra o escravagismo, cujas muralhas se desagregavam e caíam ao clangor das suas notas triumphantes.

— Um homem privilegiado este! dizia eu ao meu companheiro, quando chegámos á rua. Talento, saúde, eloquencia, distincção, belleza e ajuda por cima a pulda voz de ouro, aquella voz que se ouve por si só um dom inestimavel da Natureza!

— Uta dolo! retrucou ria-lo o meu amigo. Não vá o teu republicanismo se deixar enfeitejar pelos cantos burrosos dessa serena e mohar-elista!

III

JOSÉ VEISSIMO

Magro, trig-teiro, feio e possuindo na voz fraca, engeza-la, sem timbre e affeição, o novo chama uma voz: — te tabocara-hada.

No mais, affavel, simples e directo como uma setta.

É um talento vigoroso servido por uma actividade incomparavel. Como crítico é incapaz de uma impetuosidade, nem quando se trata do seu melhor amigo.

Nativista, na boa accepção da palavra, ningue-n mais-lo que elle tem trabalhado para levantar a intellectualidade do nosso paiz.

Hei-ta-nos resuscitou a *Revista Brasileira* e a vai mantendo dignamente, muito embora a custa de sacrificios, que não se podem avaliar bem, mas que com certeza são bastantes para desanimar a quem não tiver muita coragem e muita abnegação.

O modesto escriptorio da *Revista* é hoje o praso-dado de um lusito circulo de homens de letras, que ali vão todas as tardes tomar a *cup of tea* enquanto discretizam sobre cousas da intelligencia.

IV

RODOLPHO BERKARDELLI

Baix-te, barba castanha e hial-ca, muito enrolada em uma das pontas em corse-neacia d' sestro que tem de tor-e-la nos seus momentos de exaltação artistica.

Tive a felicidade de velo a trabalhar no seu atelier, um vasto e terrivel pavilhão encurrulado dentro de alta cerca de tabois e pau: o qual se entra por uma estreita porta ou le-uma e appo-est-ata numa inscripção sobre o nome do nosso glorioso esculptor. Encarapital sobre um elevado escallote, vestido um *dolman* de brim braco, d' escopro em punho, elle trabalhava na estatua equestre de Caxias.

Projectos, estudos, reduções de trabalhos presentes, passados e futuros se patenteavam por toda a parte numa profusão asso-abrosa.

E o grande artista, no alto do seu cavallo: dava á ultima demão ao monumento de Caxias, com o qual ha de conquistar novos laços que se taurão mais brilhantes quanto mais babujão a má figura do *Casque de Moises*.

V

AFFONSO CELSO

Não se póle conhecer physicamente mais attraente, insinuante e sympathica.

Estatura mediana, o filho mas forte, movimento elegante de mudo no impe cave!

Vive naquelle jardim suspenso que se chama Petropolis, numa singela e encantadora casinha cercado dos carichs d' uoa próle a toravel. Parece uma honra feliz e si o não é com effeito e porque a felicidade humana teima e a não se deixar completar nunca.

Tres vezes por semana d-se-elle do seu delicioso nido á Capital Federal para os seus trabalhos de advocacia. Vi-o pela primeira vez no seu escriptorio, a rua Principe de Maré, onde, por acaso, se a-hava nessa occasião a gentil e desventurada protagonista do *Minha filha*.

Nos seus momentos de folga, elle substitue a penna utilitaria e advoga-lo pela de homem de letras e compõe esses livros que com tanta ufania acórram caminho através da atonia intellectual do nosso publico, co-questando-lhe um logar de honra na litteratura patria.

VI

ARTHUR AZEVEDO

Sim, senhores, é gordo, é impressionadamente gordo; mas não o imaginem de um type de tavermet-

ro ou de fradilhão. Olhem-no da gravata para cima e verão que sobre seus larguissimos hombros assenta uma cabeça de artista, com uma face intelligente, distincta e tão sisuda que ninguém a julgaria pertencer a um mais engraçado e acintilante poeta humorista do Brasil.

Nem na sua physionomia nem na sua palestra se trahê o *Garrache* cujas quadrinhas fazem o hilariante effeito de coegas. O Arthur fala pouco, e quando de longe em longe solta uma piada bregueira, não acompanha os circumstantes na gargalhada, como faz com certos sujeitos de quem se diz que elles mesmos tocam e dançam.

A expressão superior da sua frente é um reflexo da sua alma eminentemente artistica:— as e unas d'Arte o apaixonam, e o cultivo nunca esmorecido dessas tendencias conquistou-lhe uma rara e profunda competência, habilitando-o a falar de cadeira sobre assumptos artisticos de qualquer natureza.

Isto como critica: como produtor, o seu campo é o theatro com o qual tem despendido fabulosas sommas de talento. Si porventura não produziu no genero trabalhos que fiquem é porque o meio não lhe permittiu dar ás suas bellas aptidões melhor emprego.

VII

ALBERTO DE OLIVEIRA

Alto, forte e elegante, correctamente vestido, voz cheia e sonora, bôa para declamar os seus valentes e impecaveis alexandrinicos.

Advinha-se um espirito sã e nobre através da sua sã e nobre figura de linhas aristocraticas.

Como poeta, todos conhecem o magico joalheiro dos *Sonhos e Poemas* e dos *Versos e Rimas*, essas estrophes de uma inspiração ardente e larga e de uma forma inimitavelmente enidada.

Quem escreve estas linhas tem a fortuna de conhecê-lo tambem através de uma obra inédita—o *Livro de Emma*. Num quarto do Hotel Mills, em Petrópolis, tem o poeta a sua installação official de Director Geral da Instrucção. Publica do Estado do Rio de Janeiro, conquanto a sua residência particular se ja em Niteroy, onde mora a sua familia.

Voltando de uma excursão pela encantadora cidade dos diplomatas, Alberto, cedendo ás minhas instancias, deu-me da primeira á ultima pagina o *Livro de Emma*, que me interessei, si isto é possível, mais formoso que os outros livros seus. Nós

nos haviamos recolhido tarde, e já entravamos pela madrugada quando terminou a leitura.

Quando uma lembrança impercível dessa noitada com que rematei um dia para conmigo verdadeiramente perdulario de impressões novas e felizes.

M.

DE JOELIOS

Ha quem censure, carinhos, amiga,
Por obio, ciume, e á toa, simplesmente,
Que eu a teus pés me prostre reverente
E, quasi morto, ria e te beizuga.

Não tem faltado mesmo quem me diga:
«É um covarde! mata o continente!
O amor que assim te opprime! sé valente!
Deixa, abandona a quella rapariga.»

Alguns até avançam que é baixaza
Minha dizer, com a maior franqueza,
Que me ajoelho, submisso, as tuas plantas.

Respondo a todos elles: idiotas!
Desde ilicubaveis epochas remotas—
É de joelhos que se adoram santas!

AVELLAR FILHO.

✠

O retrato

Ao entrar no vestibulo d'essa velha casa, habitada pelos avós de Dionisio, aonde eu e elle ti ha-mos vindo ref girar-nos, fugidos dos rumores da vida febril e inquieta da cidade, senti uma sensação estranha, assaltou-me com o que um terror do Silencio e do Invisivel que me cercavam, de cousas antigas e de alegrias extiaetas.

Solitaria e alta, desconhecida para mim, erguida n'uma planície longa, entre sombras de grandes arvores, ella traçou-me uma impressão de solidação e de mysterio.

Subimos uma extensa escadaria de marmore e achámo-nos n'um vasto salão azul, severamente mobiliado.

Na sua ornamentação, na sua tapetaria dormia um luxo já desvanecido.

Suspensa de uma das paredes estava, n'um esplendor de apparição, espiritualizado, pela luz agonizada do crepusculo, o retrato de uma mulher maravilhosamente bella e muito moça ainda.

Uma attitude serena e desenhosa clareava a harmonia austera de suas fórmias. Na sua frente conservava um altivez radiosa. Os cabellos negros e ondulados, como que a rodar em, espraaiavam-se-lhe indolentemente nos hombros.

Um sorriso triste e incomprehen-

sivel immobilizado nos labios, espalhava no semblante uma impenetrabilidade inquietante de sphynx.

Os olhos migoalados e contemplativos pareciam fixar visões longinquas, errando n'um luar muito pallido.

Fiquei a fitar-o dealumbrado, perdido no arroubamento de um grande sonho.

—E' o retrato de minha irmã, morta ha seis annos, disse-me Dionisio.

As vibrações d'estas palavras passaram pelas minhas idêas n'uma revoadada afflictiva, deixando-me um abalo de catastrophe.

Irreflectidamente perguntei-lhe:

—De que m'rien tão moça?

—Ah! é uma historia dolorosa a de sua morte.

Desde que a sua mocidade alvo-receu n'este lugar esquecido e ormo, um mal occulto se apoderou d'ella, transformando-a, assombrando a sua existencia lyrial, desfolhando sobre os seus dias uma pallidez de insomnias prolongadas, de aneios e de devaneios funestos.

Contemplava muito os horizontes: Inquietações vagas arfavam no seu olhar.

Installava-se em abstracções infinitas. Começou a perseguil-a uma tristeza de flor nocturna, de ave prisioneira, assistindo um impiedoso inverno sem poder emigrar.

A sua belleza adquiriu uma idealidade iptensa. Tinha uma expressão imaginosa das Virgens da Renascença, das virgens que ouviam encerradas nos castellos as nebulas canções dos trovadores.

Sensibilisava-nos como um canção ardente de amor vagando magicamente n'uma região de nevoas.

Causava-me dor vel-a tão bella e tão triste...

Veio-lhe enfim uma febre cruel e ella ausentou-se para sempre da vida.

Lembro-me terrivelmente de como tudo isso succedeu.

A imagem angustiosa dos acontecimentos que precederam a sua partida para o tumulo ainda existe visível, distincta, inmutavel no meio de minhas recordações.

Por uma tarde de Agosto, entrei n'este salão.

Uma claridade vaporosa e dormentemente alagava a planície, as arvores e as collinas distantes, dando-lhes uma decoração fulgida e gloriosa de Mysticismo e de saudade.

No brilho phantastico do ar ve-

gotavam esquecimentos de ruídos e do azar, e se esparzia um odor morto de calma sazoadada.

Evoava-se da luz um extasi de ouro como um desvanecimento magistoso de sons de órgãos que estivessem sendo tocados nas alturas.

Dir-se-hia uma tarde que se viesse a viajar somnambulizado por um Passado muito remoto.

Na folhagem e nos horizontes havia dolências de cor que me traziam reminiscências de filizes e de cravos murchos, de idyllas e de noivados idos, de lamentações ouvidas em outros tempos entre clarões de cirios, de esperanças que não viviam mais.

Ella executava no piano, uma sonata de Beethoven. Era uma sonata impregnada de harmonias preguiçosas e brumosas, de uma suavidade impressionante e nostálgica de cantos de cygnas ao anoitecer, de vãos de passaros ao sol da Islândia.

Um não sei que de seu ser se dispersou nas notas d'esta musica, anuando-as de uma emoção tão extraordinaria, que ellas fugiam, provocando-me esse fremito de pensar que os soluços das grandes despedidas, das separações irreparáveis occasionam.

Quando terminou aproximou-se de mim e disse-me que sentia muito frio. No entanto sua fronte estava abrasada.

Passei apprehensivo o resto dia.

Alta noite um rumor de passos acordou-me. Saí e encontrei Beatriz no jardim, vestida de branco, os cabellos soltos com uma cesta de flores na mão.

—Hoje vem meu noivo amado! ella exclamava delirando.

Levei-a para seu quarto.

O delirio continuou...

Não pude ver a alegria do amanhecer. A morte fechou-lhe as palpebras antes da alvorada.

Para combater o tedio do isolamento ella envenenou-se de sonhos. Foram os sonhos florescendo sob essa atmosphera fria de ruína e de abandono que a mataram.

Dionisio calou-se e eu voltei a contemplar o retrato.

Através da obscuridade vi-o confusamente, sob a fugitiva apparencia dos Anjos biblicos, com vacillações de miragem, com o seu sorriso a desafiar-me nas sombras.

Uma aragem de vãos recursos vripionou-me, levantando fogos fatuos de chiméras, insolfando-me uma magoa pungente, a magoa de não poder possuir aquella mulher ad-

ravel que morreu sem ter aquem ofertar o seu Amor, esperando um noivo sonhado; de saber que os seus cabellos, os seus olhos, os seus labios, o seu coração, tudo quanto de bello aquelle retrato revelava tinha desaparecido da terra.

E um sentimento mysterioso agitou-se dentro de mim, ameaçando o meu Destino com todas as agônias do Impossivel.

II

Durante os dias que succederam ao de minha chegada n'aquelle lugar de silencio e de recolhimento, a minha vida transformou-se n'um longo pesadello.

Estive sob a influencia de uma crise visionaria que me afugentava da observação das Cousas, diminuindo-me a noção da Realidade e do Tempo.

Opprimia-me a preocupação desesperada de me asilar na illusão de uma existencia de amor com uma mulher já morta.

Uma inconsciencia de mystico, de grande exaltado, impellia-me para emoções imaginarias, para assomos de coleras torturantes.

Permanecia longas horas no salão, olhando o retrato d'ella n'uma insistencia desvairada, exilado das impressões exteriores, immovel, absorto como si quizesse aniquilar a minha sensibilidade, aniquilar-me, com o pensamento encerrado n'um furioso esforço de allucinação que enganosamente me fizesse vela surgir e descer para mim, murmurando phrases curciosas, com todas as tentações de sua Formosura e de sua carne, ante uma dissipação subita da tela e da moldura.

E acabava hypnotizado, invadido de uma somnolencia trahidora de que despertava procurando automaticamente agarrar, na confusão de quem acorda, seios e braços impalpaveis...

A' força de fixal-o, a impressão visual d'este retrato como que se plasticizou na minha imaginação, acompanhando-me porto da a parte.

Distinguia sempre ao meu lado o vulto ideal de Beatriz, nas salas, nos passios pelas alas, no aposento onde dormia.

Appareceu-me um desejo doudo torvo, hantal de conhecer luxuriosamente os rythms voluptuosos d'aquellas formas deslumbradoras já devoradas pelo Verme.

A certeza de sua irrealisação bramia no meu ser como um tufao e n'abandonando um deserto clareado de

ossidas, alastrando-me de um desespero sombrio e impheavel.

Eternecia-me diante dos objectos que lhe tinham pertencido, experimentava emoções exquisitas, cabia quasi n'um deliquio quando a beijal-o e a acaricial-os ardentemente evocava o contacto de seus labios, de suas mãos sobre elles.

Da angustia de nunca sentir os seus affugos, ergueram-se necessidades de creença, aspirações de gozos sobrenaturaes, esperanças de que elle viesse do Paiz dos Mortos, visitarme, vestida no seu envolvero terrestre como uma grinalda de luz immortal, ornada de flores desconhecidas, mais altas do que as dos laranjeas.

O ranger de um movei, o deslizar de um sapato, uma fita de luar, uma respiração na treva assustavam-me, emocionavam-me. Fallava incoherente. Estremecia ao som de vozes.

Parecia-me que tinha emigrado para um mundo ignorado, aonde me vinham recordações vibrantes de physionomias, de fallas, de logares que outr'ora conheci.

Nem sei como não enlouqueci.

Depois de duas semanas, n'uma manhã rumorosa e estival, de faiscões luxuosos como as de um immenso crystal, abandonei atterrado aquella casa.

Sob a folhagem cantos de passaros apothecavam a fecundação nos ninhos.

Sombras tapissavam veludosamente a relva, abriam na claridade esparsa no chão, lagos de acismas e de melancolia.

As arvores ramalhavam, embaladas sonoramente pelo vento.

As folhas cahidas erguiam-se, n'um murmuro de resas, errantes e perdidas, como raivas contra o verde, como rebanhos cinzentos da Morte, arrastando inconscientemente, sob o Azul insensivel e immovel, o inexoravel Destino dos que se finam na terra.

Atravez de deslumbramentos de sol, de gorgeios, de alegrias do estio, seguiu-me a lembrança d'essa Morta.

Nem a ausencia d'aquella casa, nem as longas viagens ar encaram-me esse estranho e mysterioso amor.

As tempestades, as coleras, os rugidos do oceano, as febres, as lutas, os ruídos, as commoções das cidades não me fizeram esquecer-o.

Por muito tempo ainda elle continuou a atormentar-me, oh, por muito tempo ainda!

A LUA

Sei que imperas no céu neste momento calmo
Em que a cidade dorme,
Emquanto o vento entoa esse plangente psalmo
A que responde o mar com seu soluço enorme.

Um branco raio teu, transpassando a vidraça,
Desenha na parede o teu disco alvarento...
Uma sombra fugaz por elle ás vezes passa
Como na fronte humana um triste pensamento.

Tens talvez um pesar... Mas deves estar linda
Porque teu raio estenta uma alvura de prata!
Por esses varandins estão velando ainda
As Julietas a ouvir trovas de serenatas.

Insomnes e febris, os bardos amorosos
Evocando visões dos seus mortos amores,
Relembra do passado os ineffáveis gosos
E se afundam num cháos de cruciantes dores.

Muita alma virginal neste instante se agita
E se eleva a tremer, numá espiral frémite,
Das caçoulas de carne, onde fulge e crepita
Uma ignota paixão, devastadoramente...

A tua luz possui não sei que força estranha
Que faz em nós brotar um turbilhão de scismas...
Qualquer recordação novo-prestígio ganha
Encarada através dos teus magicos prismas.

A casta e inglindrosa ave do sentimento,
Occulta no flouzel dos nossos corações,
Desperta e entra a cantar quando no firmamento
Desdobra o esplendor dos teus niveos clarões.

Dizem que a tua luz de singular encanto
Não é mais que o fulgor do triste alampadario
Que o sol te accende, e verte um luminoso pranto
Sobre o funéreo alvor do teu longo sudario.

E's mortal! Mas o sol, em seu fulgido plectro,
Qual Petrarcha ou Camões, te eterna a memoria;
E quando na amplidão assume o teu espectro
Traz a fronte cingida em um nimbo de gloria.

Os sabios deixa pois que te conclamem morto!
Embora! O coração, surdo á sciencia insana,
Bebe na tua luz um nectar que conforta
E edulcora o amargor da desventura humana.

Em penosa vigilia ha pouco eu me estorcio,
A mente a transbordar de lobregos scismas...
Ah! quem pode impedir a proccissão sombria
Das mortas illusões, dos intimos pesares?...

O meu cerebro em fogo era a arena talada
Pela torva legião dos vandalos da dor;
Minh'alma se abateu exanime, prostrada,
Vasia de esperança, algente de pavor.

Os enganos gentis que afestóam a vida,
—Guirlandas a enfeitar gargantas abysmas—
Voaram para alem na fuga espavorida
De aves ante o estridor dos rijos temporaes.

E foi então que vi teu raio albeito e puro
Brandamente a luzir nas trevas do aposento,
E senti-o descer ao meu abysmo escuro
Como um philtro vital a escorrer lento, lento...

Pouco a pouco avança, e illumina agora
Meigo rosto de alguém que repousa a meu lado,
De alguém em cujo labio—uma nesga de aurora—
Floresce de um sorriso o lyrio immaculado.

Eu esquecera, sim, nesse instante de morte
Que ao pé de mim palpita um coração amigo
Onde os affectos meus de romeiro sem norte
Encontraram um dia um carinhoso abrigo.

Tu me vieste lembrar que para mim existe
No seio deste alguém um Jordão de carinhos
Em que possa afogar um pensamento triste,
—Uma tenda de amor mais tepida que os ninhos.

Derrama ondas de luz, oh Lua, no seu rosto,
Que, em vendo-a, se desfaz a magua que me agita!
Bem dita sejas tu que varres meu desgosto
Mostrando-me a sorrir esta face bem dita!

ANTONIO SALLES

1896.

Bibliographia

Prismas Rodrigues de Carvalho
Typ Universal—Fortaleza, 1896.
As seis obras que já conta a sua
bibliotheca acaba o Centro Litterario
de addicionar os *Prismas*, volume
de versos do Sr. Rodrigues
de Carvalho.

Lemos cuidadosamente os *Prismas*
e, sem espaço para largos comentários,
passamos a analysal-os registrando
os reparos favoraveis ou nao que elles
nos suggeriram.

Conta o livro 130 pags. e se divide
em tres partes—*Blocos*, *Ruínas*
e *Salgueiros*, sendo a melhor a
segunda e a ultima a mais fraca.

Examinamos primeiramente a
forma do livro e achamos a bastante
defeituosa alguns versos erru-

dos e muitos frouxos ou de rythmo
imperfeito.

Entre os errados apontaremos
estes:

- O que seria afinal si não tivesse.
- Conheci um velho mendigo.
- Vacila e cai Um nome creio.
- Sai o cortejo final dos pyrampos.
- Pelo attracção dos rythmos da carne.
- Sob o recurvo crystal de uma redoma.
- Arquia-se a treva de um subterraneo.
- Do céu e o mar Carros boiando.
- Que nos transporta ao edenico Calvario.
- Cada flor rebenta de um escambo.
- Elle soffria que um gelido rocio.
- Agora, enxada fatal do cemitério.
- Yeras si já vistees dor tamanha.
- Sera a fama divina do meu canto.

Os versos frouxos ou duros são
abundante devido á falta de elisões
e a frequentes allitterações que tor-
nam o rythmo aspero ao ouvido.

Como exemplo dos primeiros po-
deriamos citar muitos nestes gostos:

E este cego de amor

- Vê-se o sapide lethal que se estiola
- E a neve e que gera o branco arminho.
- E ella sem o pouso de giando
- E ante a magua que meu ser devata
- De um mar que resume insana lida
- E alem arabescos de Corintho
- E enquanto ella vai chorando as penas.
- E eu perdido aqui pelos caminhos
- E o meu como as fezes de uma chaga.

Exemplos de versos duros

- Gotejando constellações do inferno
- Aninha como aninha uma rapina
- Dir-se-ia por Charonte tripulado
- Naufraga, sozobrar teus cabello
- Pela strichina agreste e dure dos per-

Por estas amostras vê-se bem
que o poeta não é forte em metri-

ficação, e quanto a outros requisitos da forma, notámos-lhe pobreza de rimas, cousa patente sobretudo nos seus sonetos, onde quasi nunca têm os quartetos rimas similares, e pobreza do vocabulario, o que dá lugar á repetição enfadonha de palavras—como *pyrilampo precito, nimbo, goivo*, etc.

Grammaticalmente, temos que fazer os seguintes reparos:

A preposição *em* dá elle um emprego muitas vezes incorrecto visto estar regendo palavras com as quaes não se combina bem, como nos seguintes casos:

- Veste a rocha a nudez *em* tunica de limo.
- Azula-se *em* crystal.
- ... aberta e finta *em* vinho.
- Anda *em* remorso alteia-se o Vesuvio.
- Ouvi aquella prece envolta *em* caratua.
- ... enstuar *em* ave os pyrilampos.

Lemure é empregado como ex-druxulo, quando é grave.

Entanto é empregado frequentemente sem sentido adversativo.

Antenas (em vez de *antennas*) tem na poesia *Borboleta do Oriente* a significação de azas!

Seixar é um verbo de invenção do autor, pois os lexicographos portuguezes não o conhecem.

Não são poucos os cochillos syntaxicos orthographicos, exemplo:—*apassentat*, por *apascentar*, *vistes* por *viste*, *colatizar* por *volatilizar*, *cahos* em vez de *cháos*, *angstia* em vez de *amistia*, *nymbus* em vez de *nimbus*, *l-viras* em vez de *louceiras*, *daís* em vez de *dás*, etc.

Encontrámos consoantes dobradas erradamente, como em *recellar*, *affundar desaffogo*, *echoar*, *galteias*, *gulleotas* etc.

Passando agora a examinar os *Prismas* quanto ao fundo, apreciamos as concepções do poeta, suas comparações, suas imagens e intenções philosophicas.

Entrando neste terreno, notámos logo aqui e acolá lamentavel falta de clareza nas expressões, imperfeição das imagens, e nebulosidade imperscrutavel de conceitos, assim como uma falta de conexão entre as partes da mesma estrophe e a de sequencia entre as estrophes da mesma poesia.

A poesia *Dedicatoria*, a segunda do livro, começa por esta estrophe péca, mal amanhada e contendo uma imagem má:

• A aridez do deserto, o claro céu de Outubro
Aunha sempre azul, sem manchas de ar-
E o caldo areal incendiado e rubro,
Vibra como um crystal pulverizado ao sol-

Vejam esse claro céu de Outubro
aninhando sempre azul, quando o
azul é que constitue o céu; vejam
antes disso aquella aridez do deserto
sem ligação com a phrase nem
relação com o verbo seguintes, e por
fim a affirmação de que o areal in-
cendiado e rubro, vibra como um
crystal pulverizado ao sol, cousa
que sôa bem ao ouvido mas que
não se entende.

Na estrophe seguinte vem a imagem extravagante em que o sol apparece *cerando a hydrophia indomita da luz!*

A terceira é de todo incoherente:

• O lago, que fingindo espelhos de Veneza,
A paz vai doutrinando as furias do oceano,
Sedento, nos *recella* a negra profundidade
Que tem, sem illusões, o coração humano.

Ora, temos aqui um lago que, em vez de fingir de apostolo para doutrinar a paz ás furias do oceano, finge espelhos do Veneza; que apesar de ter agua é—*sedento*, e que, tal como é, *recella* (com dous l) a negra profundidade etc.

A estrophe de um logogripho, cujos membros são por sua natureza estranhos uns aos outros, tem ás vezes mais concatenação de sentido do que esta do Sr. Rodrigues de Carvalho!

Sentimos não poder transcrever toda esta poesia para mostrar a better geneidade dos seus conceitos, a falta de affinidade entre as premissas e conclusões, o amalgamado de sua estrutura psychologica.

Na poesia *Dolores* ha o verso—*Depois... (si o Azul não se aclarasse em rel-as—, onde não se sabe o que é que o Azul poderia ser.*

—Anjo Morto:

• Parecia uma andorinha
No voo de um ataide.

Que vem a ser—*cerão* de um ataide?!

—Morte de Cleopatra:

• Como um sonho ideal de nebulosa
Pelo ether luminoso do Serrento,
Bebe a rainha o ultimo momento
Da vida numa taca vaporosa.

É caliginosa a comparação desse sonho ideal de nebulosa com Cleopatra, que bebe (!) seu ultimo momento fazendo-se morier por uma serpe, e nao numa taca caponosa.

Na poesia *O bravo*:

• Excesso de etiqueta ou de lisonja,
Fiz o cordeiro branco da candura:
Venhão banhar a maculada alvura
No gelo em flor de um coração de monja.

Não pode existir, sem ser por força de rima, *excesso de etiqueta ou de lisonja* nesse cordeiro branco da candura(?) que (falando burguezmente na 3.^a pers. do sing.) chama de *maculada a alvura* alheia e por isto convida a banhal-a no *gelo em flor* etc.

—O Azul:

• Acho (libando todo o mel da infancia)
O azul mais puro esse azular da terra.

Mesmo que cheguemos a liberar todo o fel da velhice, nunca chegaremos a comprehender está segundo verso.

—O Rubro:

• Do sol que tomba chacinando o céu.

Chacinar o céu é o que se pode chamar—uma xarreada... celeste.

—O Roxo:

• A penumbra de luto cor de rosa...

—Ao paiz do sonho:

• Chega por fim aos círculos palmares.

Luto cor de rosa e palmeiras azues... Em que extranho paiz se darão estas aberrações do colorido? Ou estará o poeta soffrendo de daltonismo?

—Em devaneio:

• E reso, em acimas, num collar de so-
[nhos.

As exigencias metricas fazem o poeta resar num collar, quando toda a gente que resa o faz num rosario.

—Na alcova:

• Uma luva suspira a mão perversa.

Mau gosto do desta luva!

—No craneo de Maupassant:

• Enrosca-se na chamma uma serpente
Que se extingue em canto de sereia.

Extranha serpente, que se enrosca na chamma e em vez de se extinguir chiando como carne assada se extingue em canto de sereia!

—Loura:

Começa por esta estrophe de um gosto equivooco:

• Mulheres de toda a casta
Nascião raquelle dia,
E o oleiro que as fazia
Tinha a org'illa quasi gasta.

Era o caso de ir o homem tomar a benção á madrinha...

—Borboleta do Oriente:

• No caliz de ouro um heysantheo ei-
[ranu.

A borboleta é que alcança o calix de ouro, mas, tal como está dito, parece que o calix pertence a ella e não ao *chrysanthemo*.

Na mesma poesia ha uma *luz* *corcova*, que deve ser terrivel!

— *Incendio no mar:*

• De vaporoso marmore de Paros.

Vaporoso um corpo de tão proverbial solidez ?!

— *Dia de mortos:*

• Pela campã feral de minha amante.
Fui hontem, como um cecente...

Dizer que foi *pela campã* dá lugar a que se pense que andava por cima ou por dentro da dita campã, não acham ?

— *Trovas:*

• Quem fundir o chumbo todo do grilhão desta existencia
Vera num charco de lodo
Da vida a melhor essencia.

Francamente, não entendemos como é que se fundindo a *chumbo todo do grilhão desta existencia*, se veja da vida a *melhor essencia num charco de lodo*, em *rez rez-a num charco...* de chumbo decretido!

— *O rio:*

• Arrastando um espinho ora um flor.

Nestas alternações se repete sempre a conjunção: — ora isto, ora aquillo. Si o verso ficasse grande, o poeta substituisse *arrastando* por uma palavra menor, podendo dizer, por exempl — levando ora um espinho, ora uma flor.

— *Christo:*

• No drama doloroso do Calvário
Existe o cunho de um contraste escripto.
Morto Jesus nas dobras de um sudário.
E a ter por tanto seu todo o infinito.

Qual é o contraste? Que significa o ultimo verso — *E a ter por tanto seu*, etc?

— *A Rosa:*

É uma coberta de retalhos de todas as cores e feitios. Della destacamos esta sybillina estrophe:

• Até a aurora — a rosa que deslumbra
Quando das gazes do levante assoma
Faz dos nimbos sendal de negra coma
E se esconde da flor que mel resumbra.

Nem o começo nem o fim do soneto dão a entender porque e para que faz a aurora as cousas consignadas nos seus ultimos versos.

— *Existencia em fora:*

É este a peça mais confusa de todo o livro; que o leitor que a consulti tenha a felicidade de interpretar

lhe o sentido, não os nossos voos. Apenas destacamos della o verso — *Engusta o sol a placa de Dezembro* — como amostra. Quem suspeitaria que *Dezembro* possui uma *placa* que o *sol engusta*?... *Strange!*

— *As flores:*

• As maguas terão fim
Libando todo o fel do calix fle uma rosa.

Pôr fi a a maguas libando fel e fel tirado do calix de uma rosa — é uma penca de incoherencias.

— *Tarde do Egypto:*

• Como as *ortas sangrentas* de um sudário.

Lembramos ao poeta que os sudários são caracteristicamente brancos, excepto quando envolvem pessoa morta de facada ou de hemorragia.

— *O Miserere de S. Pedro:*

Termina por este terceto:

• Marselheza do céu, do céu vestes.
Na paz de um cherubin rufando as asas
Sobre as folhas doridas dos cypreses.

Quem ou que é que rufia as asas? A marselheza que vem do céu na paz de um cherubim ou o proprio cherubim? E tudo isso junto que significa, si nos fazem favor?

Chegamos agora a terceira parte do livro — *Salgueiros* — como dissemos, a mais fraca apesar do tom de epopeia e de elegia que pretende assumir.

Não advinhámos os sentimentos que determinaram a sua elaboração e seria impertinencia interpellar a respeito della o poeta, o qual, em uma nota preventiva que a precede, diz:

• Não me perguntem o que pretendo, o que desartino, o que adianto, enfim, com a publicação deste escripto phantastico de idéas.

Dante me extasia... Goethe me allucina... Shakspeare me apavora...

E a humidade me extasia... me allucina... e me apavora.

Desse extase, dessa allucinação e desse pavor, sahiram os *Salgueiros* — nova versão do *Baile das marmozas*. E a mesma historia de passa em revista os grandes mortos e fazel-os dizer cousas de que com certeza nunca cogitaram em vida.

Abre a sessão um *Cypreste*, que, com muita eloquencia e pouca grammatica, diz no meio de sua tirada: • Enfim, eu, cuja noite interminada das franças etc. »

Em seguida têm a palavra Homero, Camões, Gonzaga, Petrarha e Hugo.

Gonçalves Dias, Dante, Milton e Byron não chegam a falar, mas apparecem ao fundo do scenario, numa nota final.

Descamos a alguns detalhes:
Lê-se na poesia — *Cypreste!*

• Como a doce ciencia ungida
De um tributo mortuario,
Brilhava em cada avenida
Uma conta de rosario.

A scena passa-se num cemiterio, á noite, como o descrevi a poesia, que assim começa: • Noite, sombra, pavor!... » Pois apesar de toda essa escuridão o poeta *vê brilhar em cada avenida uma conta de rosario!* Já é ter vista, caramba!

— *A roz do cypreste:*

• Pragas, blasphemias (que saudades le-
[das] !

Ora! cypreste, contando a vida do homem, attribue-lhe o pessimo gosto de ter na morte *saudades le-das* das pragas e blasphemias que preferiu! Oh!

— *1.ª Sombra:*

• Tem na frente, de luz, cheia sacola.

Comparar a frente de Homero (pois é elle a *1.ª sombra*) com uma sacola — mesmo cheia de luz — nos parece irreverencia.

Si Homero pudesse responder, talvez dissesse que a cabeça do Sr. R. de Carvalho é um urú cheio de... batatas.

— *Ira celeste:*

• ...pauas de luz dos céus escamos
Que vivem deitar de longe o abysmo
E de *ensaiar em areos pyrilampos*.

Com certeza não se joga nas alturas, do contrario *esses pírias de luz* não se occupariam em *ensaiar em areos pyrilampos*, mesmo porque cá embaixo, á excepção do autor d's *Prismas* ninguém sabe o que seja semelhante officio.

— *Naufragio:*

Numa nota explicativa em prosa diz o poeta haver — *destroços sobre a gula glauca das ondas!* Bem se vê que andam aqui velledades nephelibatas...

— *Até Maria:*

Nesta composição, aliás delicada e bem feita, ha esta quadra:

• Aos bogares
Toda cume
A abelha diz
Guardem peffama.

Esta abella tem o ar de um burguez que sabe de casa e diz aos creados — guardem jantar!

—A.ª Sombria:

Há em uma nota explicativa uma *saphira d'herisante*, também cheirando a nepheliatismo, e umas sombras lunares arvoradas em eterno *dilemma* das telescópias, que dão que pensar... Parece que eterno problema é que deveria ser.

—Canção de Petrarca:

«Vai cabindo um branco veu
Nas cambrais do luar.»

Que mistura de fazendas! Parece uma loja de modas.

M. J.

(Continúa)

VITA NUOVA

(No Album do Dr. Mello Rezende)

Fis-me longe da cidade.
Estou no campo, afinal!
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal

Ha muito já que eu queria
Fugir de lá, e a Natura
Vir confiar a sombria
Tristesa que me tortura.

Trago a minh'alma doente,
Cheia de fel e tristesa,
A gemer dolentemente
Como geme uma ave presa.

Venho esquecer meus pesares.
As minhas profundas magoas:
—Espalhal-os neste ares.
—Diluil-as nestas aguas:

Venho atraz de medicina
Aos males do coração...
Talvez a luz matutina
Possa curar-me a afflicção.

Venho gosar das sadias
Emanações das manhãs.
Saturar-me destas saus
Campezinhas alegrias:

Venho procurar descanso
A' sombra dos arvoredos.
Surprender os segredos
Da brisa ao passar de manso;

Ouvir o doce lamento
Feito de queixas, de ais.
Que geme saudoso o vento
Nos verdes carnahubas;

Rever enfim os logares
Onde brinquei noutros annos:
—O coração sem pesares,
—A alma sem desenganos...

Vida nova! Eu quero agora
Fazer canções maviosas!
Ha de inspirar-me a aurora,
Ou as estrellas radiosas.

Quero rimas diamantinas
Como os clarões da manhã,
Alegres e purpurinas
Como os bagos da romã;

Quero estropheas scintillantes
Como do sol os fulgores,
Incendindo os penetrantes,
Acrea perfumes das flores;

Quero canções aljofradas
Como as telas malinaes;
Sombras como as balladas
Das pa-sambos jornaes...

Minha Musa! oh! doce amiga,
Tu, que conheces de perto
O descontento, a fadiga
De meu coração deserto;

Tu, que cantaste as docuras
Dos rosos dias de amor,
E que soffreste as agruras
Da desventura e da dor!

Minha Musa! resuscita,
Revive com a Natureza!
—Vamos vencer a desdita,
—Vamos vencer a tristesa!

Lutemos contra esses dias
Cheios de amargas traicões;
Acima das villanias
Conhamos os corações!

Tenhamos creanças por lauçãs;
Nas lutas sejamos nós
Alegres como as creanças,
E fortes como os heroes!

Lutemos té que resurja
Toda a luz da Modidade;
A dor é como a coruja,
Não gosta de claridade.

ANNA NOGUEIRA BAPTISTA,
Santo Antonio, Março 1873.

Archivo

O nosso bom amigo Hermino Bairoso teve a fineza de offercer-nos um exemplar da these que apresentou á respectiva commissão examinadora como candidato á cadeira de allemão do Lyceu Cearense.

É um trabalho desenvolvido, substancioso e bem traçado, revelando solidos conhecimentos da lingua allemã e de philologia em geral.

O Sr. Dr. Guilherme Studart reuniu em folheto, de que nos offerceu um exemplar, as apreciações feitas ao seu excelente trabalho—*Notas para a historia do Ceará*, precioso contingente que trouxe á nossa historia o illustre membro do Instituto, a quem já devemos no mesmo genero tantos e tão valiosos trabalhos.

Aos dous bondosos offerrantes, os nossos cordiaes agradecimentos.

Canção popular

1
Eu vi teu rasto na areia
E puz-me a considerar
Grande mimo tem teu corpo
Que teu rasto faz chorar!

2
Menina diga a meu pae
Que si quer ser meu amigo
Ou me pague o meu dinheiro
Ou case você commigo!

3
Sexta-feira da Faixão
Comi um quarto de hode
A Deus eu peço perdão
Cada um faz o que pode

4
Vemta por teu respeito
Vivo dormindo nos matos,
Todo o cabido do corpo,
Todo todo do alito.

5
Valha-me Nossa Senhora,
Mae de Deus, oh! Vugem Pa!
Doce bom não desconfia:
Cabra bom não desconfia:
Peguei na perna da rã
Pensando que era da fã...
Minha Senhora, desculpe,
Que era de noite, eu não via

6
Menina quando te fores
Me escreve la do caminho:
Si não tiveres papel
Nas asas de um passarinho,
Da bocca faz o tinteiro,
Da lingua penna aparada,
Dos dentes L'tra moada,
Dos olhos cartas fechada!

7
Vozê diz que bala mata
Bala não mata ninguém,
A bala que mais me mata
São os olhos de meu bem.

8
Si eu fosse padre de rico
Não moraria no mallo;
Morava mais a Larindo
Dentro das ruas do Crato.

9
Minha mãe me recommendou
Que eu não fosse a fãça,
Pois eu tenho a ventia chata
Vou servir de naução.

10
Vozê me diz que sou negro
Da cabeça de rebolo:
Si dou com a mão vejo a queda,
Si dou com o pé vejo o rão!

Carteira

Gonçalves Crespo

Um precioso amigo e estimadissimo confrade nosso acaba de commetter á Padaria Espiritual uma tarefa invejavel, dessas cuja execução nos eleva aos olhos do publico e intimamente nos enche de gosto e orgulho.

Esse amigo, o nosso preciadissimo correspondente em uma cidade da Europa, possuidor da mais e de todas as poesias de Gonçalves Crespo, esse grande e delicado artista do verso portuguez, teve a generosa lebrança de proporcionar á nossa sociedade a honra de publicar varias produções não editadas nos *Nocturnos* ou nas *Miniaturas* e em boaparte desconhecidas entre nos por terem sido publicadas unicamente em folhas ou em listas portuguezas do tempo do bello poeta.

Es-nos assim de posse deste panhado de finas reliquias artisticas por cuja offerta beijamos a mãos ao nosso bom companheiro de a'eu-mar.

Todos os nossos bellissimos escriptos serão empregados no sentido de darmos a tão honrosa missão um desempenho na altura da confiança de quem nos julgou dignos de levall-a a effecto.

Parabens aos admiradores de Gonçalves Crespo e a nós mesmos.